

Lapa: da Sociabilidade na Cidade para a Sociabilidade da Cidade¹

Lapa: From Sociability in the City to City Sociability

Andre Felix de Souzaⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Desde meados da década de 1990, a área que abrange o atual bairro da Lapa tem se configurado como uma área de forte atratividade para o lazer noturno na cidade do Rio de Janeiro. Nos fins de semana, à noite, milhares de pessoas, provenientes dos mais variados pontos da cidade, do estado, do país e do mundo se reúnem nesta pequena porção da zona periférica do centro da cidade, produzindo um grande espetáculo da vida pública. Suas ruas, praças, bares, boates, casas de show e depósitos de bebidas se transformaram em um dos mais disputados pontos de encontro noturno desta cidade ou, por outras palavras, conforme sugere o vocabulário geográfico, um lugar central para a sociabilidade noturna.

Palavras-chave: Lugar Central; Lapa; Paisagem Boemia; Sociabilidade.

Abstract: Since the mid-1990s, the area encompassing Lapa neighborhood has emerged as a highly attractive area for night life in Rio de Janeiro. On weekends, thousands of people hailing from the most diverse points of the city, the state, Brazil and the world gather in this small portion of a peripheral zone of the city center and produce a spectacle of public life. Its streets, squares, bars, nightclubs, concert halls and stores have been turned into one of the most disputed nocturnal points of Rio de Janeiro, in other words, as suggested by the geographical vocabulary, a central place for Bohemian sociability.

Keywords: Lapa, Rio de Janeiro; Central Place; Bohemian Landscape; Sociability.

Introdução

Ao caminhar pelas ruas da Lapa nos fins de semana no período noturno, sempre nos chamou atenção a enorme quantidade e diversidade de pessoas que vinham de lugares muito diversos para reunir-se nesta pequena área, com o intuito de se divertir: escutar música, dançar, assistir a shows, consumir bebidas nos bares, depósitos, vendedores ambulantes etc.; comer em restaurantes, lanchonetes ou em barracas instaladas nas calçadas e, principalmente, conhecer e interagir socialmente com indivíduos e grupos de

ⁱ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia – UFRJ. andrefelix_rj@hotmail.com.

diferentes partes da cidade. Em suma, pessoas que buscam uma sociabilidade diversa, claramente expressa na ocupação de suas ruas, calçadas, praças, bares, boates, etc.

Desta inquietação surgiu a hipótese central de nossa proposta: a partir de meados da década de 1990 podemos afirmar que houve na Lapa a transição daquilo que estamos chamando de uma sociabilidade na cidade para uma sociabilidade da cidade, ou seja, acreditamos que anteriormente à década de 1990 não existia um espaço com tamanha centralidade, no que se refere à sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro. Em outras palavras, nenhum outro centro ou subcentro de lazer e entretenimento noturno atrai tantas pessoas, de lugares tão diversos, com o intuito de interagir socialmente, quanto a noite da Lapa nos últimos anos (FELIX, 2014).

A sociabilidade, que foi descrita pelo filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel como sendo uma forma específica e elementar de relação ou interação social, é, a nosso ver, o ingrediente mais importante dessa reunião diversa de pessoas que se forma na Lapa, nos fins de semana à noite, especialmente em seus espaços públicos. Esse conceito, segundo esse autor, tem como característica essencial a ideia de que os indivíduos, ao se relacionarem, não necessariamente o fazem com algum objetivo ou finalidade prática. Uma dada reunião de indivíduos pode ocorrer simplesmente pela vontade de socializar, de interagir socialmente. A finalidade da sociabilidade é a própria interação social em si, isto é, a sociabilidade é autônoma com relação aos seus conteúdos. Em suas palavras: “aquilo que de resto é apenas forma de interação torna-se seu conteúdo mais significativo” (SIMMEL, 2006, p. 76). Eis o motivo pelo qual, na maior parte das línguas europeias, “‘society’ signifique exatamente ‘convivência sociável’” (SIMMEL, 2006, p. 65).

Nos últimos anos, o bairro da Lapa tem sido foco de um rico debate entre pesquisadores de diversos campos das chamadas humanidades: (IRIAS, 2007; ARAÚJO 2009; DUARTE, 2009; BAESA, 2010; SANTOS, 2011; GUTERMAN, 2012; MOSCIARO, 2012) planejamento urbano, arquitetura e urbanismo; (COSTA, 2010; BRANDÃO, 2011) sociologia; (CASCO, 2007; OLIVEIRA e SANTOS, 2010) antropologia; (HERSCHMANN, 2007; GOÉS, 2007; VERÍSSIMO, 2009) comunicação social; (SILVA, 2010) economia, (COSTA, 1993; MARTINS e OLIVEIRA, 2009; BARTOLY, 2013; FELIX, SÁNCHEZ e GÓIS, 2013) geografia, dentre outros. Apesar do grande número e diversidade de pontos de vista, porém, nenhum dos trabalhos acima citados se propôs a refletir geograficamente sobre a espacialidade do fenômeno da sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro. Eis a originalidade de nossa proposta.

Dividimos o presente artigo em duas partes: na primeira delas, apresentamos uma breve revisão teórica sobre o tema da Teoria das Localidades Centrais. No segundo tópico, objetivamos demonstrar, à luz de um levantamento histórico, como podemos pensar no bairro da Lapa como um lugar central para a sociabilidade noturna; para tal, com base na literatura sobre o tema (teses, dissertações, livros, artigos científicos e notícias de jornais) elencamos alguns dos principais condicionantes deste processo de redescoberta do bairro boêmio pela população carioca, a saber: sua histórica identidade boêmia; o combate à obsolescência do centro da cidade do Rio de Janeiro, a fantástica proliferação de equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno que aconteceu nesta área a partir da década de 1980 e, com maior intensidade, após a década de 1990; con-

ferindo especial destaque para a evolução da histórica paisagem boêmia do bairro ao longo do século XX e início do século XXI.

A Contribuição da Teoria das Localidades Centrais

Dentre os mais numerosos e significativos estudos realizados sobre o tema das redes urbanas estão aqueles dedicados à localização, distribuição e organização das cidades, núcleos ou centros urbanos. Segundo nos conta Edward Ullman, uma das primeiras e mais importantes contribuições teóricas a esse respeito foi fornecida pelo geógrafo alemão Von Thünen em seu clássico estudo intitulado *Der isolierte Staat*, publicado originalmente em 1826 (ULLMAN, 1941, p. 1). Ainda segundo esse autor, no século XIX, outras contribuições importantes foram fornecidas em 1841 por Kohl e em 1894 por Cooley, que estudaram a influência das redes ferroviárias sobre a formação e o desenvolvimento dos chamados núcleos centrais (ULLMAN, 1941, p. 1-2).

Para o geógrafo britânico Peter Hagget, a chamada *locational school in geography* tinha como pressuposto básico a ideia de que caberia à geografia, fundamentalmente, o estudo acerca da distribuição espacial dos fenômenos, isto é, a lógica por detrás de sua localização espacial. Nessa concepção, a geografia seria uma espécie de *distributional science*, uma ideia que é fortemente ancorada na proposição de Marthe (1877), que descreveu a geografia como sendo a ciência que se preocuparia em estudar as localizações geográficas (*the where of things*), e que justificaria a dependência desta ciência de conceitos oriundos da geometria e da matemática topológica (HAGGET, 1971, p. 12-13). Nesse contexto, além do clássico estudo de Von Thünen sobre a localização das atividades agrícolas, devemos mencionar ainda aquele realizado por Alfred Weber sobre a localização industrial, originalmente publicado em 1909 (CHRISTALLER, 1966, p. 6-7; ULLMAN, 1941, p. 1-2; BERRY, 1965, p. 3; HAGGET, 1971, p. 13).

Segundo Kelly Bessa e diversos autores, a constituição efetiva de uma rede de centros de distribuição de bens e serviços teve início, ainda que embrionariamente, no século XVI, quando o capitalismo se expandiu de forma mais clara por toda a Europa. A partir desse momento, a cidade torna-se o lugar fundamental de desenvolvimento da divisão social e territorial do trabalho. E é nesse contexto de amplas mudanças que a diferenciação e hierarquização dos centros urbanos foram primeiramente percebidas, sobretudo, por não geógrafos como o banqueiro francês Richard Cantillon, em 1755; o também francês Jean Louis Reynaud, um engenheiro de minas que elaborou, ainda em 1841, um sistema geral de cidades organizadas segundo um padrão hexagonal; e posteriormente pela contribuição do engenheiro ferroviário León Lalanne, que também percebeu a organização de padrões hierárquicos diferenciados dos centros urbanos franceses. Além desses, deve-se fazer menção ainda a um grupo de sociólogos rurais norte-americanos, com destaque para Charles J. Galpin e J. H. Kolb; além de alguns planejadores urbanos ingleses, como Charles B. Fawcett. Já o interesse dos geógrafos pelo tema da hierarquia urbana foi despertado, de acordo com Bessa, a partir das décadas de 1920 e 1930, com os estudos empreendidos por autores como Robert Dickinson, Vaino Auer e do próprio Christaller (BESSA, 2012).

Certamente, o trabalho mais conhecido e influente acerca do tema da hierarquia urbana foi aquele produzido pelo geógrafo alemão Walter Christaller. Ainda na introdução

do seu clássico *Central Places in Southern Germany*, Christaller faz algumas observações muito interessantes. Segundo ele, em uma mesma região era possível observar a existência de centros urbanos de tamanhos variados e associados a funções diferentes, o que lhe suscitou o famoso questionamento: “Há leis que determinam o número, o tamanho e a distribuição de cidades?” (CHRISTALLER, 1966, p. 1). Para responder a esse questionamento fundamental, Christaller retoma os trabalhos de uma série de autores que o precederam, conferindo especial destaque para as obras de Johann Georg Kohl, Von Thünen e Alfred Weber que, segundo ele, proporcionaram, embrionariamente, a confecção de “uma teoria da localização do comércio e das instituições urbanas” (CHRISTALLER, 1966, p. 7).

Walter Christaller observou que o processo de centralização (*centralization*) de algumas atividades específicas em determinados setores das cidades era uma forma de organização espacial comum a diferentes sociedades. Ou seja, a cristalização de um contingente populacional ao redor de um lugar central (*central place*) que concentra as principais atividades políticas e econômicas de uma dada comunidade era vista por ele como um processo elementar de organização de cidades no mundo, o que o levou a considerar que “o papel mais importante – ou característico – de uma cidade é ser o centro de uma região” (CHRISTALLER, 1966, p. 16). O processo de centralização de determinadas atividades deu origem, nesse sentido, aos chamados lugares centrais, aos quais pode ser atribuído um princípio de organização funcional e espacial hierárquico.

Até Christaller, os pesquisadores interessados em mensurar a importância de um dado núcleo central ou de uma cidade qualquer adotavam, geralmente, um dos seguintes critérios: enquanto uns utilizavam o critério do tamanho em número absoluto da população que se dirigia até aquela área para fazer uso dos bens e serviços ali oferecidos; outros preferiam utilizar o critério do tamanho em área que aquela população, polarizada pelo núcleo central em questão, ocupava, isto é, o alcance espacial da demanda dos bens e serviços ali oferecidos. Segundo Christaller, porém, a melhor maneira de se mensurar a importância de um dado núcleo central seria através de uma combinação de vários critérios, que determinaria não apenas a importância de um núcleo central para sua hinterlândia, mas também a sua posição hierárquica em relação aos outros núcleos centrais que compõem aquela rede urbana. Essa importância seria derivada, em princípio, do tipo de bens e serviços que essa área central produz e distribui, quando comparada com aqueles oferecidos pelos demais núcleos urbanos: “Em um sentido exato, não é o lugar, ou mesmo o assentamento, que é central. A centralidade não se refere meramente à localização espacial central, e sim a uma função central, em um sentido mais abstrato” (CHRISTALLER, 1966, p. 19).

Ainda segundo Christaller, a região para o qual um lugar central exerce centralidade, recebe o nome de região complementar (*complementary region*) ou simplesmente área de influência. O tamanho da região complementar, conforme comentado anteriormente, é geralmente definido pelos tipos de bens e serviços que são oferecidos pelo lugar central em questão: “Nós chamaremos a região complementar de um lugar central de ordem superior de região complementar de ordem superior, e a região complementar de um lugar central de ordem inferior de região complementar de ordem inferior” (CHRISTALLER, 1966, p. 21). Quanto maior for a distância percorrida pela população dispersa

ao redor de um núcleo central para aquisição de um bem ou serviço oferecido naquela área, maior será a centralidade do lugar central em tela (CHRISTALLER, 1966, p. 22).

Resumidamente, podemos dizer que a ideia fundamental desta teoria é de que há na rede urbana o estabelecimento de uma hierarquia entre os diversos núcleos urbanos que a compõe, organizados segundo um padrão espacial relacionado à disponibilidade de bens e serviços (CHRISTALLER, 1966). Os geógrafos, normalmente, caracterizam uma localidade central como sendo um ponto de concentração e irradiação de fluxos comerciais, financeiros, sociais, administrativos, de pessoas, de ideias etc. Nesta perspectiva, a centralidade é vista como uma espécie de medida do grau de importância de uma dada área para um determinado público, sendo expressa pela magnitude dos bens e serviços oferecidos e também pelo tamanho de sua área de influência. Conforme enfatiza Roberto Lobato Corrêa, é necessário cuidado para que não se extrapole o alcance explicativo desta teoria. Todas as teorias se referem a fenômenos histórica e socialmente produzidos, estando sempre sujeitas, portanto, às transformações em curso (CORRÊA, 2001, p. 15-36).

De acordo com Brian Berry e Allen Pred, o interesse pela Teoria dos Lugares Centrais formulada por Walter Christaller na década de 1930 demorou ainda alguns anos para ser verdadeiramente despertado. Somente após a segunda metade da década de 1950 algumas reflexões sistemáticas sobre esse tema começaram efetivamente a serem feitas, especialmente nos Estados Unidos. Uma das primeiras reflexões em língua inglesa que incorporaram as ideias de Christaller foi feita por Edward Ullman em seu clássico texto *Theory of Locational for Cities* (já comentado anteriormente), publicado originalmente em 1941. A primeira tradução significativa para o inglês do texto original completo fora feita apenas em 1966 sendo, a partir de então, amplamente difundida pelo mundo (BERRY e PRED, 1965, p. 3).

Segundo Luiz Augusto Ablas, desde a contribuição fundamental fornecida por Christaller vários outros trabalhos foram realizados sobre o tema. Talvez um dos primeiros e mais lembrados exemplos tenha sido o estudo realizado por August Lösch intitulado *The Economics of Location*, publicado originalmente em alemão ainda em 1939 e em inglês em 1954. Segundo Ablas, de maneira geral, podemos dizer que a contribuição fundamental do livro de Lösch foi ter percebido, observando a distribuição espacial das indústrias, que a formação das aglomerações humanas seria o resultado conjunto da localização individual de pessoas e das firmas, que tenderiam a se aglomerar em alguns setores específicos do espaço (ABLAS, 1982, p. 64). Já no final da década de 1960, Martin Beckmann, partindo dos argumentos desenvolvidos por Lösch, apresenta outra contribuição importante em seu livro *Location Theory* de 1968. Segundo Ablas, Beckmann parte de uma teoria da localização tendo como objetivo demonstrar que a organização final das redes de cidades seria também o resultado de decisões individuais de localização dos múltiplos agentes envolvidos (ABLAS, 1982, p. 84).

Outra contribuição seminal fora aquela oferecida por Brian Berry e William Garrison em 1958, no qual os autores ratificam a importância da ideia de alcance espacial de um produto e refletem sobre a influência que a variável densidade demográfica teria sobre a localização do comércio varejista. Eles demonstraram que nas áreas caracterizadas por baixas densidades demográficas o comércio varejista não se expandia tanto como

ocorria nas áreas caracterizadas por altas densidades, mesmo que essas primeiras ostentassem áreas de influência maiores (CORRÊA, 2000).

No Brasil, algumas importantes contribuições sobre o tema das redes urbanas, em geral, e da Teoria das Localidades Centrais, em particular, foram feitas, primeiramente, por Pierre Deffontaines; Pierre Monbeig; e, posteriormente, por Milton Santos (1958) com sua tese de doutorado sobre as zonas de influência comercial da Bahia; por Lysia Bernardes (1964) com seu estudo sobre a área de influência da cidade do Rio de Janeiro e por Roberto Lobato Corrêa com uma série de estudos sobre a rede urbana brasileira; isso sem mencionar os diversos estudos realizados pelo IBGE relativos ao conjunto do território nacional e das incontáveis teses, dissertações e artigos já produzidos sobre o tema (CORRÊA, 2000, p. 10).

Não buscamos, pois, neste artigo, promover uma adaptação fidedigna da Teoria das Localidades Centrais à escala intraurbana, com todas as implicações metodológicas que essa tarefa nos exigiria, tal como fizeram, dentre outros: Hans Carol em *Hierarchy of Central Place Functions Within the City* (1960); A. K. Dutt em seu *Intra-City Hierarchy of Central Places: Calcutta As a Case Study* (1969) e Warn, A. e Daniels, P. com o artigo *Spatial Aspects of an Intrametropolitan Central Place Hierarchy* (1979). No presente estudo, trata-se da adaptação de alguns conceitos fundamentais como Centralidade, Área de Influência e, especialmente, Lugar Central, tal como definidos por Water Christaller e tantos outros autores. Com isso, esperamos oferecer uma nova e geográfica interpretação acerca das recentes transformações ocorridas no bairro da Lapa. No tópico que se segue, todavia, damos início à discussão sobre o nosso estudo de caso.

De “Montmartre Tropical” a Lugar Central Para a Sociabilidade Noturna

Boa parte das grandes metrópoles ocidentais possuem bairros, distritos, ruas, áreas etc. que simbolizam sua vida noturna. Ao longo do tempo esses lugares se modificam ou mesmo se transferem para outros setores das cidades. No Rio de Janeiro, o bairro da Lapa, localizado na zona periférica do centro da cidade, se apresenta desde o início do século XX como um importante espaço de expressão da assim chamada cultura carioca. Conforme aponta a bibliografia, ao longo do último século, ele alternou momentos de “exuberância” e de “abandono”, de “decadência” e de “opulência”.

A localidade da Lapa é um território que passou por muitas transformações ao longo do século XX. No fim do século XIX, por exemplo, a população mais abastada que ali residia em grandes casarões deu lugar a moradores mais pobres que os transformaram em cortiços. Nesse período, a Lapa já era caracterizada pela coexistência de dois ambientes, um diurno de característica familiar (um bairro residencial) e um noturno de boemia.² Neste espaço conviviam músicos, artistas, intelectuais, prostitutas (estrangeiras e nacionais), travestis, malandros etc. Porém, a partir do final da década de 1930, em função do processo de decadência, degradação ou obsolescência do centro da cidade; da forte repressão do estado às atividades estigmatizadas como negativas associadas à Lapa de então; do processo de urbanização de outras áreas da cidade e da destruição de boa parte do seu ambiente físico mais antigo; a paisagem boêmia que caracterizou a

Lapa no imaginário da população carioca durante boa parte de sua história desapareceu quase que por completo do bairro (DUARTE, 2009).

A prostituição, o uso e a venda de drogas, a jogatina e seus frequentadores malvistas pela sociedade de então conferiram à Lapa, ainda no início do século XX, um estigma marginal. Segundo o jornalista Almeida Fischer, frequentador assíduo do bairro boêmio nas primeiras décadas do século passado, a noite da Lapa era frequentada principalmente por boêmios de toda ordem, malandros, contraventores, criminosos de todos os graus, e um ou de outro turista temerário em busca de uma aventura pitoresca, uma noite no território do vício, da prostituição e do crime (DAMATA, 1978).

Havia neste território do pecado “permitido” uma verdadeira divisão do mercado da prostituição, uma organização espacial do sexo pago: no Beco das Carmelitas e na Rua Silva Jardim, nas proximidades da Praça Tiradentes, ficavam as francesas; na Rua Joaquim Silva ficavam as polonesas e na Moraes e Vale as brasileiras, as “nacionais” (LUSTOSA, 2001, p. 12; KUSHNIR, 2002, p. 4). Segundo Benjamim Costallat, nos anos 1920, a Lapa era um local de consumo e distribuição de drogas que, naquele momento, ainda não eram ilícitas: “o bairro da cocaína”, como também era conhecido. De dia a venda era realizada nas farmácias e ao anoitecer nos carros estacionados: “havia também os legendários Irmãos Meira, que transportavam o pó em anéis lockers, ou nos vidrinhos Merk encontrados dentro das farmácias” (*apud* KUSHNIR, 2002, p. 5).

A Lapa do início do século, contudo, não era caracterizada somente por sua fama marginal. A efervescência cultural presente neste espaço ao longo das primeiras décadas do século XX fez da Lapa ponto de encontro obrigatório de músicos, pintores, poetas, artistas, intelectuais etc. O sambista Noel Rosa, o poeta Manoel Bandeira, o compositor Antônio Maria, o pintor Candido Portinari, o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, o cantor Orlando Silva, o jovem músico Pixinguinha, o escritor Jorge Amado, a atriz e dançarina Carmem Miranda, dentre tantos outros, frequentavam as mesas dos bares que se multiplicavam pelas ruas da Lapa de então. A má fama, a música popular, a malandragem e a boemia não eram exclusividades da Lapa, estendendo-se também ao longo das primeiras décadas do século XX aos bairros da zona portuária (bairros da Saúde e da Gamboa) e posteriormente da Cidade Nova. Porém, foi na Lapa que essa fama se acentuou mais decisivamente, confundindo-se com a identidade cultural do bairro a ponto de perdurar até aos dias de hoje (DAMATA, 1978; MARTINS, 1997; LUSTOSA, 2001; KUSHNIR, 2002; IRIAS, 2007; COSTA, 2010).

Esta Lapa famosa por sua vida boêmia de aura livre, por seus cabarés e clubes de jogos, eterno reduto da boemia carioca e de belas e famosas mulheres e homens da vida noturna, nasceu em finais do século XIX, amadureceu e ganhou fama entre as décadas de 1910 e 1920, atingiu seu auge na década de 1930, e se manteve efervescente até pelo menos a década de 1940, quando já demonstrava alguns sinais de que a decadência estaria próxima. Boa parte da literatura sobre o bairro é revestida por um tom nostálgico. Muitos dos seus mais antigos e ilustres moradores e frequentadores se referem a essa Lapa de outrora como uma Lapa idealizada, perdida em um tempo que não mais existe, a não ser é claro, nos inúmeros poemas, sambas, pinturas, quadros, choros e crônicas que contam parte de sua rica história.³ (DAMATA, 1978; MARTINS, 1997; LUSTOSA, 2001; KUSHNIR, 2002).

A Lapa da primeira metade do século passado já tinha uma tradição, uma lenda, uma mitologia e uma pré-história boêmias, um momento que ficou eternizado na memória da cidade como a *belle époque* carioca (1900-1925). A partir da década de 1920, conforme nos recorda Luis Martins (1997), uma nova geração de boêmios começa a integrar a paisagem do bairro, um grupo ilustre que contava com a presença, por exemplo, de algumas das figuras mais brilhantes e expressivas do modernismo brasileiro que, antes e depois da semana de arte moderna de São Paulo (1922), eram vistos nos clubes noturnos, cabarés e nos botequins do famoso bairro: esse era o caso de Raul de Leão, Ribeiro Couto, Jaime Ovalle, Caio de Mello Franco, Di Cavalcante, Osvaldo Costa, Sérgio Buarque de Hollanda, Dante Milano e até mesmo Manuel Bandeira e sua frágil saúde. Para Luis Martins foi essa geração de boêmios que realmente “descobriu” a Lapa e lhe conferiu o signo de “montmartre dos trópicos”, pois até então a Lapa não tinha uma tradição artística e intelectual. Segundo Luiz Martins, havia vários grupos que se agregavam em função de motivações diversas na Lapa: política, opinião literária, simpatia pessoal etc. organizados em torno da boemia, tudo isso, é claro, regado a muito chope e, para os mais afortunados, uísque.⁴

Manuel Bandeira, outro eterno poeta frequentador da Lapa, declarara em vários de seus escritos o seu amor a esta terra profana e, em tom nostálgico, anunciara sua despedida no famoso poema transformado em música “Última Canção do Beco”: “Beco que cantei num dístico cheio de eclipses mentais, beco das minhas tristezas, das minhas perplexidades, mas também dos meus amores, dos meus beijos, dos meus sonhos. Adeus para nunca mais!” (*O Globo*, 18 de setembro de 1965).⁵ Os principais palcos da vida boêmia dessa Lapa de outrora eram suas casas de chope, bares e os seus famosos cabarés. Neles havia sempre os chamados “números de arte” – a palavra show ainda não estava no dicionário – que podia ser um número de samba, tango ou mesmo algum tipo de malabarismo. Bebia-se. E como se bebia. Aqueles que gostavam de se aventurar no mundo das drogas tinham de fazê-lo do lado de fora, nos cabarés, não! E do lado de fora sempre havia os chamados “leões de chácara”, antigos capoeiras ou malandros regenerados responsáveis por manter a ordem. Sem paletó e gravata ninguém entrava em nenhum cabaré da Lapa.⁶

Dentre os estabelecimentos mais frequentados e famosos estavam o bar Novo México, na Avenida Mem de Sá, o Brasil Dourado, na Rua Visconde de Maranguape, o Cabaré Primor, que ficava no início da Rua Mem de Sá, O Danúbio Azul, que ficava na Mem de Sá nº 34, o Túnel da Lapa, também localizado na Rua Visconde de Maranguape, o restaurante O Capela, situado no Largo da Lapa (depois se transferiu para a Praça da Cruz Vermelha), o Tenentes do Diabo, na Rua Visconde de Maranguape 22, o Rio Aves, a Leiteria Bol, o Bar e Café Club, o Bar Siri, na Rua da Lapa 49, a Gruta do Frade, o Café Bahia, o Cabaré Apolo, o Rex, o Casa Nova, o Royal Pigalle, o Bar Viena-Budapest; o Tabu, o restaurante Vila de Monções etc. Esses bares, cabarés, night-clubs, casas de chope, restaurantes e pensões, segundo conta Gasparino Damata (1978, p. 12), ostentavam uma frequência essencialmente cosmopolita, e quando a coisa desandava e os conflitos afloravam os “leões de chácara” resolviam.

Durante as primeiras décadas do século XX os famosos malandros da Lapa reinaram absolutos: Nelson Naval, Flores, Miguelsinho, Meia-Noite, Camisa Preta e, o mais co-

nhecido deles, João Francisco dos Santos, um famoso travesti popularmente chamado de Madame Satã. Essas emblemáticas figuras foram, sem sombra de dúvida, representantes de uma época ímpar da boemia carioca. Suas histórias, enraizadas na memória do bairro boêmio, enchem de misticismo as lembranças de um tempo idealizado por aqueles que o vivenciaram.

Após a segunda metade da década de 1950 a Lapa de outrora, aquela do início do século XX, entrou em declínio. Não só a vida boêmia, que sempre a caracterizou, mas também boa parte de sua população mais abastada se transferiu para outras áreas da cidade, naquele momento, em vias de transformação (ABREU, 1997, p. 112-115). Muitos dos seus estabelecimentos comerciais mais antigos (principalmente aqueles associados ao lazer e entretenimento noturno) fecharam as portas ou então se transferiram para outras áreas da cidade. A paisagem boêmia do início do século XX, que ficou imortalizada nos sambas de carnaval, nos poemas, nos quadros e romances realistas, desapareceu da Lapa juntamente com seus boêmios.⁷

Da Exuberância ao Abandono, da Decadência à Opulência...

Diversos foram os projetos urbanísticos que, guiados pelo ideal modernista e pela tese urbanística de higienização, transformaram radicalmente a área central da cidade do Rio de Janeiro por meio de aterros, via desmonte de morros, obras de drenagem e novos traçados viários. Esses projetos, segundo diversos autores, sempre estiveram ligados às “reformas urbanas” implementadas ao longo da primeira metade século XX que eram pautados principalmente por razões estéticas, sanitárias, viárias e habitacionais. Nesse contexto, a Lapa teve vários de seus casebres e cortiços demolidos em poucas semanas, por exemplo, para a construção da Avenida Mem de Sá. Além disso, foi promovido o arrasamento do Morro do Senado e o aterro do que restava das antigas lagoas. Por esta avenida circulava o bonde elétrico que levava para os novos subúrbios os operários que o centro da cidade não mais abrigava. Após a sua desativação em 1896, o famoso Aqueduto da Carioca, um dos mais imponentes símbolos da Lapa, passou a desempenhar outra função, sendo a partir de então um viaduto de uma linha de bondes para Santa Teresa. (SILVEIRA, 2004; IRIAS, 2007; DUARTE, 2009).

O projeto de urbanização e defesa paisagística dos Arcos da Lapa e do Convento de Santa Teresa, executado ao longo da década de 1970, foi responsável pela demolição de uma série de antigas construções que fizeram parte da histórica paisagem boêmia do bairro. Nele, foram projetadas duas grandes áreas circulares que seriam abertas ao redor dos Arcos dando-lhe mais destaque e visibilidade na paisagem. Um dos principais argumentos utilizados para a legitimação das demolições previstas era de que se estava protegendo um dos mais importantes marcos da história colonial do país, o Aqueduto da Carioca, na atualidade, popularmente conhecido como Arcos da Lapa (DUARTE, 2009).

Na segunda metade da década de 1970, muitas de suas mais antigas edificações já eram tombadas pelo patrimônio histórico, a exemplo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da Sala Cecília Meireles, da Escola Nacional de Música, além do próprio Aqueduto da Carioca. Porém, a maior parte dos seus cortiços não contava com tal proteção e acabou sucumbindo ao “progresso”. Aproveitando o ensejo das demolições, ainda nesta

década foi construída outra grande avenida que cortava o centro da cidade de norte a sul (atual República do Paraguai), ligando a Lapa à Rua da Carioca, que, via desapropriações e remoções, tirou do mapa a maior parte de seus cortiços mais antigos⁸. O mesmo ocorreu com a consolidação, ao longo desta década, do projeto de urbanização da esplanada do Morro de Santo Antônio, que, novamente, derrubou uma série de antigas construções diretamente associadas ao passado boêmio do bairro, oferecendo em seu lugar quatro praças públicas que foram adaptadas ao estilo colonial. Nas palavras do engenheiro que coordenava as obras de urbanização, Alair Santos Filho: “A Lapa será o encontro da arquitetura colonial portuguesa com a moderna arquitetura brasileira.”⁹.

As obras de reurbanização dos anos 1970 não animaram os comerciantes e moradores mais antigos do bairro, que, àquela altura, já haviam se conformado com a decadência¹⁰. Pouco tempo após a inauguração das quatro novas praças nas proximidades dos Arcos as reclamações, comuns a qualquer centro degradado, continuavam as mesmas: manutenção deficitária das vias de circulação (calçadas e ruas mal pavimentadas), depredação do mobiliário urbano (bancos, lixeiras, postes de iluminação etc.), policiamento escasso, consumo e distribuição de entorpecentes ilícitos, pequenos roubos e furtos praticados por jovens infratores, sujeira nas ruas, proliferação de moradores em situação de rua etc.¹¹. Todos esses fatores, em conjunto, levaram à decadência a vida boêmia da Lapa. Porém, mesmo com todos esses problemas tal tradição nunca deixou de caracterizar a Lapa, e os próximos anos provariam isso.

A década de 1980 é, sem dúvida, um marco importante no retorno da paisagem boêmia ao bairro após o seu período de decadência. A proliferação de equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno, como bares, boates e casas de show, se acentua nessa década na Lapa. Conforme aponta a bibliografia, porém, esse movimento teve início ainda antes com a inauguração da sala Cecília Meirelles em 1965 (completamente reformada e reinaugurada em 2015) e o funcionamento da escola de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que concentrava uma gama significativa de jovens universitários que por ali circulavam (HERSCHMANN, 2007; IRIAS, 2007).

Em 15 de janeiro de 1982 instala-se na Lapa o Circo Voador, uma casa de espetáculos que surgiu originalmente no Arpoador e foi transferida para a Lapa com uma nova estrutura onde funcionou até 1996, quando foi fechada por problemas de infraestrutura. Somente em 2004 o Circo Voador retomou as atividades que até hoje lá ocorrem. Um ano depois, em 1983, entra em funcionamento a casa de shows Fundação Progresso, uma antiga fábrica de fogões e ferro fundido desativada em 1976 que, graças à mobilização de artistas, intelectuais e moradores da vizinhança não foi demolida, transformando-se, juntamente com o Circo Voador e a casa de shows Asa Branca (também inaugurada nesse período), em um catalisador do “renascimento” da região.

Essa “frente pioneira”, se assim podemos chamá-la, trouxe à Lapa grupos de frequentadores que antes não eram vistos pelas ruas do bairro. Ao final da década de 1980 já era possível perceber uma clara mistura de públicos atraídos pelos diversos “serviços” oferecidos pelos equipamentos urbanos associados ao entretenimento noturno, o que deu grande visibilidade ao bairro¹². Rapidamente as aglomerações de pessoas começaram. A Lapa tornou-se, a partir de então, o ponto de encontro de estudantes universitários do centro da cidade¹³. No início desta década, depois de mais de 20 meses de obras

foi inaugurado em 1991 o novo Largo da Lapa, uma enorme praça transformada em anfiteatro com capacidade para receber mais de 6.800 pessoas, que passou a contar com um novo sistema de iluminação e com policiamento reforçado¹⁴. A partir de então a Lapa se transformou em um dos mais importantes polos musicais da cidade, com um número cada vez mais crescente de casas de show, bares, boates e frequentadores¹⁵.

Na passagem da primeira para a segunda metade da década de 1990, a Rua Joaquim Silva já havia se tornado referência para os muitos estilos diferenciados que transitavam pelo bairro. “Um conjunto de aproximadamente seis ou sete sobrados estendeu a badalação da Rua Joaquim Silva para o quarteirão de trás, em frente aos Arcos da Lapa, alargando assim este eixo de expansão da renovação urbana também para a Rua Riachuelo e para outras ruas próximas” (IRIAS, 2007, p. 27).

Observa-se ao longo desta década um movimento de expansão da paisagem boêmia na Lapa: houve um expressivo aumento no número de equipamentos urbanos associados ao lazer, entretenimento e à sociabilidade noturna, que foi acompanhada de um proporcional afluxo de frequentadores e vendedores ambulantes, especialmente nos fins de semana à noite (mas não apenas nesses momentos), consolidando esta área como um novo circuito cultural, boêmio e musical. Muitos moradores começaram então a fazer da parte de baixo dos seus sobrados bares improvisados, o que começou a se estender para outras ruas do bairro. A Lapa voltara então a fazer parte do cenário cultural da cidade. Este movimento foi iniciado pela própria potencialidade histórico-cultural do bairro, impulsionado pelos próprios moradores e pelo público jovem que a frequentava, “Nascera, portanto, de suas possibilidades de uso, e não da intencionalidade da troca” (IRIAS, 2007, p. 28).

Um Lugar Central Para a Sociabilidade Noturna

A partir de meados da década de 1990 observa-se na Lapa a retomada de uma característica da primeira metade do século XX, a vida boêmia¹⁶. Não estamos dizendo com isso que a vida boêmia desapareceu ou deixou de caracterizar a Lapa em algum momento de sua história, mas sim que esta característica, associada à Lapa do início do século XX, foi reintroduzida no imaginário da população carioca a partir da promoção e da resignificação dessa boemia que caracterizou o bairro durante boa parte de sua história e que viveu momentos de apogeu e de declínio. Desde então, este espaço pode ser reconhecido como um importante espaço de sociabilidade noturna dos cariocas. Nos fins de semana à noite, milhares de pessoas se dirigem à Lapa com o intuito de se divertir, buscando uma sociabilidade diversa e rica em possibilidades de interação, que fica claramente expressa na ocupação de suas ruas, calçadas, praças, bares, boates, cabarés etc¹⁷. Eis a Lapa do início do século XXI, um verdadeiro ponto de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro, com uma nova cara e um novo público¹⁸.

O lugar do encontro, da convergência, da comunicação e, talvez o mais importante deles, o lugar do reconhecimento e do fortalecimento de vínculos identitários concernentes, sobretudo, à cultura carioca. Este espaço, prenhe de história e de memória, concentra significados. Vivenciá-lo significa, para muitos, ser carioca. Eis aí, no nosso ponto de vista, um dos principais motivos de seu atual sucesso. Caminhar em uma sexta à noite

pela Lapa é por si só uma forma de entretenimento e lazer. As diversas classes, tribos, etnias e subculturas que se encontram e se segmentam neste espaço comum que é Lapa são o seu maior atrativo¹⁹. Todos esses fatores em conjunto nos levaram a concebê-la, conforme sugere o vocabulário geográfico, como um lugar central para a sociabilidade noturna.

Para comprovar nossas hipóteses, aplicamos diversos questionários de origem com os frequentadores das ruas da Lapa ao longo de 2013, para assim podermos mensurar a escala de atratividade (área de influência) dos “serviços” ali oferecidos, adaptando os conceitos Lugar Central, Centralidade e Área de Influência, inicialmente concebidos para a escala da rede urbana, ao nível intraurbano. A partir desses dados, confeccionamos o mapa exibido na Figura 1, que demonstra claramente que o público da Lapa é enormemente diverso quando se trata dos locais de origem de seus frequentadores. Pessoas oriundas de praticamente todos os bairros da cidade se reúnem nesta pequena porção da zona periférica do centro da cidade praticamente todos os fins de semana à noite. Os frequentadores oriundos de bairros como Tijuca, Copacabana, Santa Teresa, Centro e Laranjeiras são, conforme observado, maioria. Porém, mesmo bairros mais distantes como os da Zona Oeste e Norte, por exemplo, encontram representantes. Nosso intuito ao elaborar esse mapa foi demonstrar que a área de influência do bairro da Lapa extrapola em muito os seus limites geográficos, tornando claro que esta é uma localidade central no que se refere ao entretenimento, ao lazer e, principalmente, à sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro.

Sabemos que há outras áreas na cidade caracterizadas por uma expressiva concentração de equipamentos urbanos e estabelecimentos comerciais associados ao lazer e ao entretenimento noturno que atraem um grande público com o intuito de interagir socialmente como, por exemplo, dentre muitos outros, a Praça Vanhargem, no bairro da Tijuca; a Praça São Salvador, em Laranjeiras; os chamados Baixo Méier, Baixo Gávea e Baixo Leblon; determinados setores dos bairros de Vila Isabel, Botafogo, Copacabana, Ipanema etc.; ou mesmo ruas mais próximas ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), como é o caso da Rua do Ouvidor, da Rua do Mercado etc. Contudo, acreditamos que nenhum deles possua a mesma escala de atratividade que as noites da Lapa ostentam, pelo menos, desde meados da década de 1990.

Considerações Finais

Conforme demonstramos ao longo deste artigo, o bairro da Lapa se transformou em um dos mais disputados pontos de encontro noturno da cidade do Rio de Janeiro, isto é, um lugar central para a sociabilidade noturna. Ao se percorrer suas ruas, nos fins de semana à noite, é possível perceber que seus espaços públicos se transformam em verdadeiros espaços de sociabilidade. Pessoas provenientes dos mais variados pontos da cidade ali se reúnem para manifestar livremente sua diversidade sociocultural. Nesses espaços, os indivíduos e grupos interagem socialmente sem parecer se importar com as diferenças: ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e adultos, pretos e brancos, favelados e playboys, suburbanos e moradores da Zona Sul, intelectuais e trabalhadores, músicos e artistas, prostitutas e travestis, funkeiros e roqueiros, pagodeiros e sambistas etc. se encontram dan-

Origem dos frequentadores Bairro da Lapa

Sexta/sábado 23:30 - 02:00 - 11/10/2013. (213)

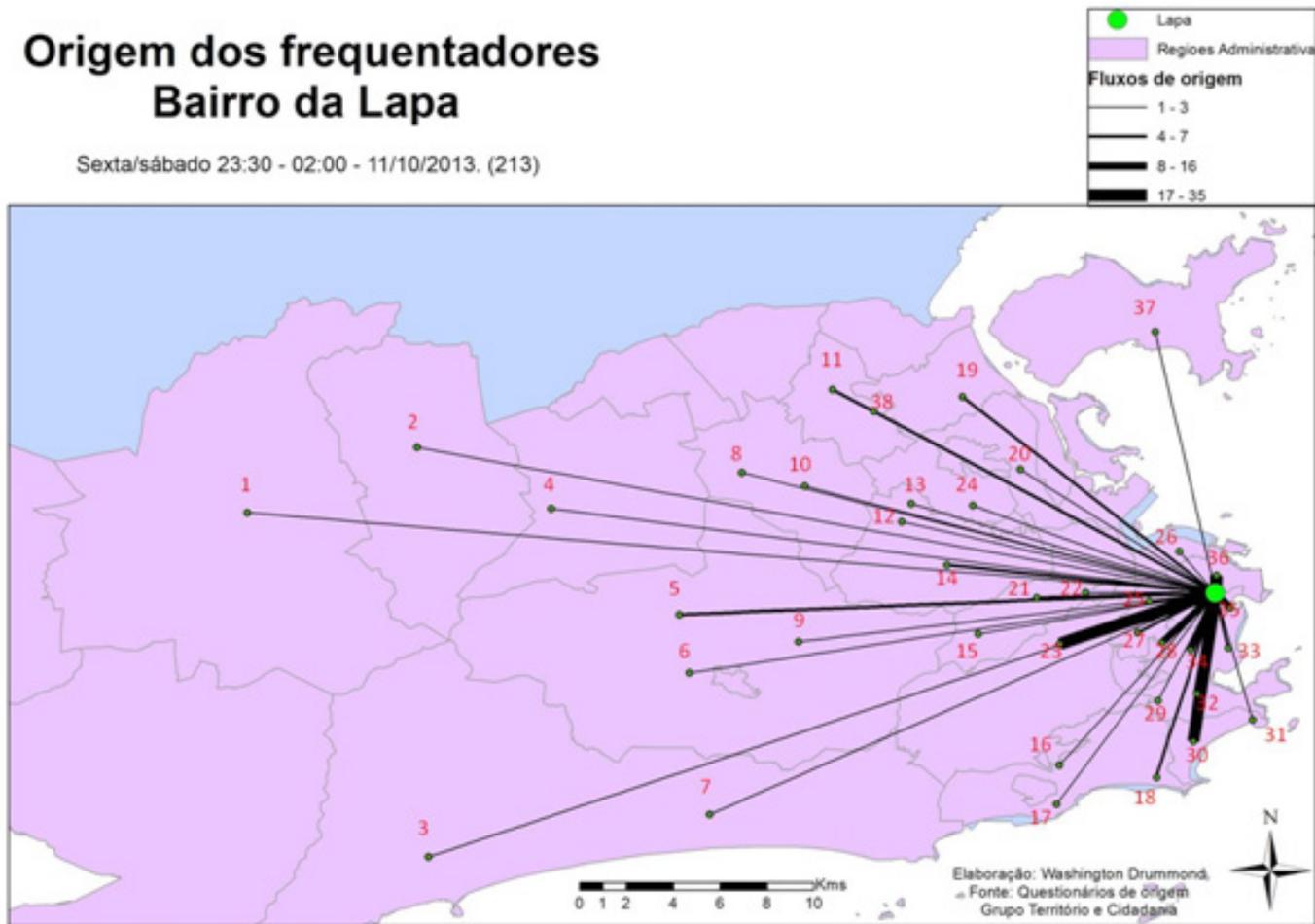


Figura 1 – Origem dos frequentadores da Lapa (cidade do RJ) ²⁰

do origem a um verdadeiro espetáculo da vida pública (GOMES, 2010). Tais diferenças sociais, em vez de se converterem em conflito, se transformaram no principal atrativo da Lapa. Neste espaço de sociabilidade, o cosmopolitismo, o encontro com o inesperado, com o inusitado, não é uma exceção; ao contrário disso, é a ordem.

Nas últimas décadas, o bairro da Lapa voltou a fazer parte do imaginário da população da cidade, ganhando o status de principal espaço de sociabilidade da boemia carioca. Anteriormente à década de 1990, a Lapa vinha ocupando uma posição de pouco destaque na identidade carioca. Após esse período, contudo, as novas formas de apropriação devolveram a este espaço sua anterior vitalidade e importância, graças a sua atual função na cidade: um espaço de sociabilidade vibrante, um verdadeiro ponto de encontro noturno dos cariocas. Diversas expressões musicais como o jongo, o reggae, o rock, o forró, o rap, o funk, o samba, o pagode, o jazz, o blues, o choro etc. parecem conviver em um mesmo espaço. A localidade da Lapa se tornou, nesse sentido, um centro de convergência, de encontro, de visibilidade e de referência social para a urbe carioca. Caminhar pelas ruas da Lapa nos fins de semana à noite parece ter se tornado, nesse sentido, um rito de identidade entre a população da cidade.

Certamente, não há como dissociar o seu sucesso atual de sua histórica associação com a vida noturna. Isso fica claro nas inúmeras referências ao passado e à história local que estão presentes em sua paisagem e que preenchem de significados suas práticas cotidianas. A vivência deste local parece evocar a própria memória da cidade e simbolizar o ato de pertencer ao contexto que a construiu. Assim sendo, podemos então afirmar que a centralidade em termos de sociabilidade de que dispõe a Lapa atualmente não se refere exclusivamente ao seu público frequentador, ela é também uma centralidade simbólica (MELLO, 1995), que devolve à Lapa uma posição de destaque na identidade carioca. Por todos esses motivos, podemos dizer que a Lapa representa hoje a transição daquilo que estamos chamando de uma sociabilidade na cidade para uma sociabilidade da cidade, ou seja, um lugar central para a sociabilidade noturna. Seus espaços públicos (ruas, praças e calçadas) funcionam hoje como verdadeiras passarelas por onde desfilam os muitos estilos que caracterizam aquilo que poderíamos chamar de sociedade ou cultura carioca. Trata-se, pois, nesse sentido, de uma nova interpretação acerca das recentes transformações ocorridas no bairro da Lapa; uma resposta geográfica a um tema pouco explorado por esta disciplina, a sociabilidade.

Referências Bibliográficas

ABLAS, A. *A teoria do lugar central: bases teóricas e evidências empíricas*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1982.

ABREU, M. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplan. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1997.

ARAÚJO, V. *Lapa carioca, uma (re)apropriação do lugar*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

BAEZA, P. *Imagem da degradação urbana: Lapa, Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BARTOLY, F. *A Lapa boêmia e a Lapa reificada como lugar do espetáculo: uma análise da produção do lugar*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, 2013.

BERRY, B; PRED, A. *Central Places Studies: a Bibliography of Theory and Applications*. *Regional Science Research Institute*. G.P.O. Philadelphia, 1965.

BESSA, K. Estudos sobre a rede urbana: os precursores da teoria das localidades centrais. *GeoTextos*, v. 8. n. 1, p. 147-165, 2012.

BRANDÃO, J. Cultura, patrimônio e lazer na Construção Social do Espaço Público no Rio de Janeiro: a “revitalização” da Lapa. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, DIVERSIDADE E (DES)IGUALDADE, 9, Salvador, 2011.

CASCO, A. *O Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

CHRISTALLER, W. *Central Places in Southern Germany*. Tradução para o inglês de Carlisle W. Baskin. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966.

COSTA, A. *A Lapa no passado e hoje: boemia na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/IFCS. 2010.

CORRÊA, R. Repensando a teoria das localidades centrais. In: *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.

_____. Comércio e espaço: uma retrospectiva e algumas questões. *Textos LAGET*, Série Pesquisa e Ensino, IGEO/UFRJ, n. 2, 2000.

COSTA, R. *Em busca do espaço perdido: a reconstrução das identidades espaciais do bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

COSTALLAT, B. No bairro da cocaína, 1924. In: LUSTOSA, I. (Org.). *Lapa do Desterro e do Desvario – uma antologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

DAMATA, G. *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem*. Rio de Janeiro: Codecri. Coleção Edições do Pasquim. v. 41, [1965] 1978.

DUARTE, C. Lapa: abrigo e refúgio da cultura popular carioca. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR ENANPUR, XIII, 2009, Florianópolis. Anais. 2009.

FELIX, A. *Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

FELIX, A.; SÁNCHEZ, H.; GÓIS, M. A construção do bairro da Lapa como lugar central para a sociabilidade noturna carioca: uma análise dos projetos de espaços públicos. In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA URBANA CIÊNCIA E AÇÃO POLÍTICA: POR UMA ABORDAGEM CRÍTICA, XIII. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

GOÉS, C. *Comunicação e música: a (re)invenção da tradição do samba e do choro no circuito cultural da Lapa*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

GOMES, P. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GUTERMAN, B. *Cidade-produto, bairro-marca: como a Lapa está se tornando o mais carioca dos bairros*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012.

HAGGETT, P. *Locational Analysis in Human Geography*. London: Edward Arnold. 1971.

HERSCHMANN, M. *Lapa, cidade da música*. Rio de Janeiro. Mauad, 2007.

IRIAS, F. *A renovação urbana da Lapa, Rio de Janeiro: um território de conflito?* Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2007.

KUSHNIR, B. *A Lapa e os filhos da revolução boêmia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 2002.

LUSTOSA, I. A luz difusa do abajur lilás. In: LUSTOSA, I. (Org.). *Lapa do Desterro e do desvario – uma antologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

MARTINS, L. *Noturno da Lapa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1964] 1997.

MARTINS; G. R.; OLIVEIRA, M. P. O que está acontecendo com a Lapa? Transformações recentes de um espaço urbano na área central do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS LATINO AMERICANOS, XII, Montevidéu, Uruguai, 2009.

MELLO, J. Explosões e estilhaços de centralidades no Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, ano 1, 1995.

MOSCIARO, M. *Gentrificação na Lapa? Um estudo sobre mudanças na área central do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, A. L.; SANTOS, P. D. Música e imaginários na produção da cidade: a vitalidade complexa da Lapa carioca. *Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais*. Universidade de Barcelona. v. 15, n. 331 (95), 2010.

SANTOS, T. Condomínio residencial Cores da Lapa: um “gueto de luxo” encravado no centro histórico carioca. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, C. O cluster de entretenimento da Lapa: uma análise do processo de inovação na economia da música da região da Lapa – RJ. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ULLMAN, E. A Theory of Location for Cities. *The American Journal of Sociology*, 46: 853-64M, 1941.

VERÍSSIMO, A. A retomada do bairro da Lapa, Rio de Janeiro: o fenômeno de aumento de frequentadores e opções de lazer no bairro boêmio.” Habilitação em Publicidade e Propaganda, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

Recebido em: 15/9/2015 Aceito em: 25/11/2015

¹ O presente artigo é parte integrante das reflexões contidas em minha dissertação de mestrado intitulada “Lapa: um Lugar Central para a Sociabilidade Noturna”, orientada pelo professor Paulo Cesar da Costa Gomes e coorientada pela professora Letícia Parente Ribeiro, submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em setembro de 2014.

² O termo “boemia” está associado aqui a um estilo de vida festivo, ligado a uma sociabilidade noturna. Aquele que vive na boemia vive da e na noite.

³ Esse é o caso de Hernani de Irajá, que em 1967 lançou um livro de memórias e histórias que regatava parte do ambiente boêmio daquela Lapa do início do século intitulado *Adeus Lapa*, uma espécie de despedida do bairro boêmio que naquele momento corria o risco de desaparecer em função do anúncio de obras urbanísticas. Fonte: “Morre a Lapa, Viva a Lapa!”. *O Globo*, 23 de novembro de 1967.

⁴ “Luiz Martins volta à Lapa, para matar as saudades, após 28 anos de ‘exílio’”. *O Globo*, 4 de março de 1965.

⁵ “...e a Lapa se acabou”. *O Globo*, 18 de setembro de 1965.

⁶ “A Lapa da ‘Praia das Areias de Espanha’...”. *O Globo*, 16 de abril de 1965.

⁷ “A Lapa vai perdendo seus bares e cabarés derrubados pelas picaretas dos homens que trazem o progresso. O velho bairro pode acabar, mas isso não significa que com ele termine a vida boêmia que o caracteriza. Assim suas casas e seus artistas vão mudando de pouso”. (*O Globo*, 15 de setembro de 1969). “Boêmios começam a subir a rua, em busca da seresta”. *O Globo*, 15 de setembro de 1969; “Prédios da Lapa caem, mas tradição talvez fique”. *O Globo*, 20 de março de 1972; “Na velha Lapa, outro prédio vai ser derrubado”. *O Globo*, 10 de setembro de 1974.

⁸ “A Avenida Norte-Sul dará grandeza ao centro da cidade”. *O Globo*, 19 de outubro de 1966.

⁹ “Roteiro de um ameaçado território poético”. *O Globo*, 7 de junho de 1974.

¹⁰ “Vence o urbanismo: morte da Lapa para que os arcos voltem a dominar”. *O Globo*, 8 de agosto de 1966; “A noite da Lapa em compasso de agonia”. *O Globo*, 10 de agosto de 1966; “Cada prédio que cai é um baque no coração da Lapa”. *O Globo*, 20 de maio de 1968; “Lapa tem boi na história e uma resistência heroica”. *O Globo*, 27 de maio de 1968.

¹¹ “A nova Lapa está como a antiga: abandonada”. *O Globo*, 28 de julho de 1975; “Lapa: do ponto central, só a lembrança”. *O Globo*, 2 de julho de 1976; “Escuridão, sujeira, perigo: os velhos problemas da nova Lapa”. *O Globo*, 14 de maio de 1976.

¹² “Rock, samba e violão convivem no clima de boemia da Lapa”. *O Globo*, 20 de janeiro de 1987; “Para todos os gostos, muitas atrações”. *O Globo*, 2 de fevereiro de 1988.

¹³ “Lapa: o ar boêmio está de volta”. *O Globo*, 4 de setembro de 1991.

¹⁴ “Novo Largo da Lapa será inaugurado no domingo”. *O Globo*, 4 de dezembro de 1991; “Show de Moreira da Silva inaugura novo Largo da Lapa”. *O Globo*, 9 de dezembro de 1991.

¹⁵ “Nova Lapa se torna um polo musical”. *O Globo*, 18 de setembro de 1991.

¹⁶ “Espírito da Lapa sobrevive num cenário distante da ‘Montmartre tropical’”. *O Globo*, 24 de dezembro de 1995; “A alma de um Rio longe da Zona Sul”. *O Globo*, 14 de junho de 1996.

¹⁷ “Tribos da Lapa prometem animar o verão do Rio”. *O Globo*, 15 de setembro de 1996; “Os sete fôlegos de um bairro pra lá de boêmio”. *O Globo*, 14 de junho de 1996.

¹⁸ “Uma cara nova para o velho reduto boêmio”. *O Globo*, 01 de outubro de 2000; “Volta da boemia da nova vida à velha Lapa”. *O Globo*, 25 de março de 2001.

¹⁹ “Sem carros, mas com Boemia”. *O Globo*, 19 de junho de 2010; “...E o reduto da boemia cada vez aumenta mais”. *O Globo*, 28 de setembro de 2003; “Os novos agitadores culturais da Lapa”. *O Globo*, 9 de março de 2008; “O caldeirão musical da Lapa ferve”. *O Globo*, 01 de março de 2011; “Um brinde ao bairro que nunca dorme”. *O Globo*, 6 de novembro de 2012; “Interdição do tráfego na Lapa é bem vista pelos moradores, mas frequentadores reclamam que acesso ao bairro ficou mais difícil”. Fonte: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/fechamento-das-ruas-da-lapa-divi-de-opiniao-de-frequentadores-e-populacao-do-bairro-20101023.html>. Acessado em 2012.

²⁰ Fonte: (FELIX, 2014, p. 120)